

SOBRE A LIÇÃO<sup>1</sup>

ou do ensinar e do aprender na amizade e na liberdade

quæ voluit legisse, volet rescribere lectis

Ovídio

Há ocasiões em que a aventura da palavra se dá em num ato de ler em público. Em tais ocasiões, e especialmente quando esse ato de ler em público tem lugar em uma sala de aula, costumamos dizer que se trata de uma lição. Lição, *lectio*, leitura. Uma lição é uma leitura e, ao mesmo tempo, uma convocação à leitura, uma chamada à leitura. Uma lição é a leitura e o comentário público de um texto cuja função é abrir o texto a uma leitura comum. Por isso, o começo da lição é abrir o livro, num abrir que é, ao mesmo tempo, um convocar. E o que se pede aos que, no abrir-se o livro, são chamados à leitura não é senão a disposição de entrar no que foi aberto. O texto, já aberto, recebe àqueles que ele convoca, oferece hospitalidade. Os leitores, agora dispostos à leitura, acolhem o livro na medida em que esperam e ficam atentos. Hospitalidade do livro e disponibilidade dos leitores. Mútua entrega: condição de um duplo dever.

Uma lição é esse ato de ler em público que está explicitamente implicado ou envolvido num ensinar e num aprender. Na lição, a leitura aventura-se no ensinar e no aprender. Ou, dito de outra maneira, o ensinar e o aprender se dão, jogam, na leitura. Por isso, uma leitura torna o jogo mais fácil quando permite que o ensinar e o aprender aconteçam.

O que se trata aqui é de propor a experiência da leitura em comum como um dos jogos possíveis do ensinar e do aprender. E, simultaneamente, estabelecer o que tem a ver esse jogo com a experiência da liberdade, com essa curiosa relação de alguém consigo mesmo, à qual chamamos de liberdade, e com a experiência da amizade, com essa curiosa forma de comunhão com os outros que chamamos de amizade.

Lições como jogos

E isso porque a experiência da leitura, quando está envolvida com o ensinar e o aprender, implica a relação de cada um consigo mesmo e com os outros. Mas o problema da lição em seu envolvimento com o ensinar e o aprender e em sua implicação com a amizade e a liberdade não é o problema de como ler bem, mas o de como ler de verdade ou, se quisermos, o de como uma lição pode ser uma verdadeira leitura, uma verdadeira aprendizagem na amizade e na liberdade.

## O ensinar e o aprender

O professor — aquele que dá o texto a ler, aquele que dá o texto como um dom, nesse gesto de abrir o livro e de convocar à leitura — é o que remete o texto. O professor seleciona um texto para a lição e, ao abri-lo, o remete. Como um presente, como uma carta.

Da mesma forma que aquele que remete um presente ou uma carta, o professor sempre está um pouco preocupado para saber se seu presente será aceito, se sua carta será bem recebida e merecerá alguma resposta. Uma vez que só se presenteia o que se ama, o professor gostaria que seu amor fosse também amado por aqueles aos quais ele o remete. E uma vez que uma carta é como uma parte de nós mesmos que remetemos aos que amamos, esperando resposta, o professor gostaria que essa parte de si mesmo, que dá a ler, também despertasse o amor dos que a receberão e suscitasse suas respostas.

Mas a remessa do professor não significa dar a ler o que se deve ler, mas sim “dar a ler o que se deve ler”. Ler não é um dever no sentido de uma obrigação, mas no sentido de uma dívida ou de uma tarefa. E é uma dívida e uma tarefa — a dívida e a tarefa da leitura — que o professor dá quando remete o texto. Uma dívida é a responsabilidade que temos para com aquilo que nos foi dado ou enviado. Uma tarefa é algo que nos põe em movimento. Por isso, dar o texto é oferecê-lo como um dom e, nesse mesmo oferecimento, abrir uma dívida e uma tarefa, a dívida e a tarefa da leitura, a dívida que só se salda assumindo a responsabilidade da leitura, a tarefa que só se cumpre no movimento de ler.

O professor, o que dá a lição, é também o que se entrega na lição. Primeiro, entrega-se em sua eleição; depois, em sua remessa; em continuação, em sua leitura.

O professor, quando dá a lição, começa a ler. E seu ler é um falar escutando. O professor lê escutando o texto como algo em comum, comunicado e compartilhado. E lê também escutando a si mesmo e aos

outros. O professor lê escutando o texto, escutando-se a si mesmo enquanto lê, e escutando o silêncio daqueles com os quais se encontra lendo. A qualidade da sua leitura dependerá da qualidade dessas três escutas. Porque o professor empresta sua voz ao texto, e essa voz que ele empresta é também sua própria voz, e essa voz, agora definitivamente dupla, ressoa como uma voz comum nos silêncios que a devolvem ao mesmo tempo comunicada, multiplicada e transformada.

Porque se a face exterior do texto é uma — a que poderíamos denominar “o dito do texto”, aquela que contém seu significado dado, fixado, literal, mais ou menos transparente e idealmente homogêneo para todos os leitores —, sua face interior é necessariamente múltipla. E, assim, o professor, quando lê o texto, o lê simultaneamente para fora, para dentro e para os ouvintes. Para fora porque o professor pronuncia para si mesmo e para os demais isso que diz o texto. Para dentro porque o professor diz o texto com sua própria voz, com sua própria língua, com suas próprias palavras, e esse redobrar-se do texto faz com que as palavras que o compõem soem para ele, lhe pareçam ou lhe digam de um modo singular e próprio. Para os ouvintes, porque o professor diz o texto no interior de algo que é comum, daquilo que poderíamos chamar de seu “sentido comum”, aquilo que os ouvintes sentem em comum quando prestam atenção à mesma coisa e que nada mais é senão a experiência da pluralidade e do infinito do sentido. Por isso, em sua leitura, o professor lê o texto literalmente, e ao mesmo tempo com suas próprias palavras, e simultaneamente atentando ao silêncio entre as palavras, ao espaço em branco entre as letras, às margens das páginas.

Elementos da lição: o texto, a voz do professor e esse silêncio que é de todos e de ninguém, isso é, da própria linguagem em sua multiplicidade e em seu infinito, digamos, comum.

Na lição, eu dizia, os alunos são convocados a um texto, chamados a um texto. Através dessa convocação, os alunos são situados no que se vem dizendo, nesse vir presente na leitura do que já se disse, nessa presença do já dito, do que outros já disseram, mas que, enquanto texto publicamente pronunciado, vem-se dizendo cada vez de novo.

O texto a que os alunos são convocados é o fluxo do que se vem dizendo ou, melhor, “do que, dizendo-se, vem”. Sempre o mesmo, mas sempre cada vez. Por isso, ler é recolher o que se vem dizendo para que se continue dizendo outra vez (que é outra vez a mesma e cada vez outra vez) como sempre se disse e como nunca se disse, numa repetição que é diferença e numa diferença que é repetição.

↳ diferença e repetição

professor o o / m remete

No ler a lição, não se buscam respostas. O que se busca é a pergunta à qual os textos respondem. Ou melhor, a pergunta que os textos abrigam no seu interior, ao tentar respondê-la: a pergunta pela qual os textos se fazem responsáveis. Por isso, a única resposta que se pode buscar na leitura é a responsabilidade pela pergunta. Se ler em comum é uma correspondência no texto, essa correspondência só pode ser correspondência na pergunta pela qual o texto já é o primeiro responsável. Por isso, a leitura não resolve a questão, mas a reabre, a re-põe e a re-ativa, na medida em que nos pede correspondência. E há modos de falar, modos de ministrar a lição, que impedem corresponder. Por exemplo: o modo de falar de quem já sabe de antemão o que diz o texto ou o modo de falar daquele que, uma vez que tenha dito o que diz o texto, dá por resolvida a questão.

Na leitura da lição não se busca o que o texto sabe, mas o que o texto pensa. Ou seja, o que o texto leva a pensar. Por isso, depois da leitura, o importante não é que nós saibamos do texto o que nós pensamos do texto, mas o que — com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto — nós sejamos capazes de pensar.

O que se deve ler na lição não é o que o texto diz, mas aquilo que ele dá o que dizer. Por isso, a leitura da lição é escuta, além daquilo que o texto diz, o que o texto abriga e o que ele dá o que dizer. Ler não é apropriar-se do dito, mas recolher-se na intimidade daquilo que dá o que dizer ao dito. E demorar-se nisso. Entrar num texto é morar e demorar-se no dito do dito. Por isso, ler é trazer o dito à proximidade do que fica por dizer, trazer o pensado à proximidade do que fica por pensar, trazer o respondido à proximidade do que fica por perguntar.

O objetivo da lição não é nos deixar terminados pela assimilação do dito, nem nos deixar determinados pela aprendizagem dogmática do que deve ser dito, mas in-de-terminar aquilo que dá o que dizer, aquilo que fica por dizer. In-de-terminar é não terminar e não de-terminar. Por isso, ler é recolher-se na indeterminação do dizer: que não haja um final nem uma lei para o dizer, que o dizer não se acabe nem se determine.

O que dá o que dizer, ao texto, é algo que se diz de muitas maneiras. Por isso, o dito do texto reativa o dizer, os dizeres. Então, o recolher-se àquilo que dá o que dizer, ao texto, o encarregar-se disso, o responsabilizar-se por isso, é colocar-se nos caminhos que ele abre. Por isso, na lição, a ação de ler extravasa o texto e o abre para o infinito. Por isso, reiterar a leitura é re-iterar o texto, en-caminhá-lo e encaminhar-se com ele para o infinito dos caminhos que o texto abre.

## Na amizade

A lição é convocação em torno do texto: congregação de leitores. E assim, na lição, o texto converte-se em palavra *emplazada*, em palavra colocada na *plaza*, no lugar público, no lugar que ocupa o centro para simbolizar o que é de todos e não é de ninguém, o que é comum. E na *plaza*, enquanto palavra *emplazada*, o texto nos *emplaza*: pelo texto, cada um está *emplazado* no comum, *emplazado* pelo comum.<sup>2</sup>

Por isso, a lição é um ato de ler público, que exige um certo ver-se cara a cara, uma presença pública do corpo, um oferecimento público do corpo, às vezes falando e às vezes em silêncio, mas sempre em relação a algo comum, a algo para o qual todos os olhos e todos os ouvidos tendem, atendem. O corpo situado do leitor é atento, concentrado, falante ou em silêncio, mas sempre tenso e em suspenso, suspenso.

Em torno do texto como palavra *emplazada* — quando o texto é realmente algo que se pode chamar de comum —, articula-se uma forma particular de comunidade, uma forma particular de estar *emplazados* pelo que é comum. E essa forma é uma amizade, uma *philia*, uma unidade que suporta e preserva a diferença, um nós que não é senão a amizade de singularidades possíveis. O comum do texto é, assim, comunidade de diferenças ou, estritamente, uma conversação. Mas uma conversação que tem também sua face silenciosa, reflexiva, solitária. Emplazados pelo comum do texto, os que assistem à lição lêem em silêncio, cada um para si mesmo e, simultaneamente, com os demais.

Por isso, o aprender pela leitura não é a transmissão do que existe para saber, do que existe para pensar, do que existe para responder, do que existe para dizer ou do que existe para fazer, mas sim a co-(i)mplicação cúmplice no aprender daqueles que se encontram no comum. E o comum não é outra coisa que aquilo que se dá a pensar para que seja pensado de muitas maneiras, aquilo que se dá a perguntar para que seja perguntado de muitas maneiras e aquilo que se dá a dizer para que seja dito de muitas maneiras. A leitura nos traz o comum do aprender enquanto que esse comum não é senão o silêncio ou o espaço em branco de onde se mostram as diferenças.

Ler com os outros: expor os signos no heterogêneo, multiplicar suas ressonâncias, pluralizar seus sentidos. Frente à homogeneidade do saber que restringe a diferença, a heterogeneidade do aprender que produz a diferença. Por isso, a amizade de ler com implica-se na amizade de aprender com, no se en-con-trar do aprender. E, nesse caso, o aprender não é apenas um meio para o saber. Ler não é o instrumento ou o acesso à

homogeneidade do saber, mas o movimento da pluralidade do aprender. Dar-se como texto para ser lido por muitos — e não como doutrina a ser assimilada — é oferecer-se como abertura para o múltiplo. E responder, lendo com outros, ao texto é encarregar-se de algo comum e constituir uma comunidade que não é a do consenso mas, sim, a da amizade. Porque esse algo comum que congrega os leitores está, de saída, dividido em si mesmo, distendido, esparramado, disseminado, pluralizado, heterogeneizado.

Amizade de leitores: participação no comum do texto como aquilo que diferencia. Mas numa diferença que não é referível a nenhuma totalidade, que não é redutível à unidade, à integração ou à síntese do diverso. Por isso, a comunidade dos convocados à lição tem seu ser na dispersão e na descontinuidade, na divergência, na dessemelhança, na distinção e no dissenso. Comunidade dos que não têm em comum senão o espaço que faz possível suas diferenças. Comunidade cujos membros não se conjugam nunca em comum, ainda que não deixem de ressoar juntos. Relação refratária à síntese, alérgica à totalização, resistente à generalização. Relação no texto como o que separa sem re-unir.

Na lição, o texto comunica. Mas o comunicar do texto não é a elaboração do comum, mas o estabelecimento de um “entre” no que os leitores se separam e se dispersam de um modo não totalizável, numa relação pluralizadora. O comunicar do texto, seu ser-em-comum, é o espaçamento que torna possível o heterogêneo. O texto comum é o texto no qual os leitores participam, é o texto com-partilhado entre os leitores, o que os leitores com-partem, o que os parte em comum, o que não se com-parte a não ser como partição e re-partição.

Por isso, os leitores não têm em comum senão o comparecer juntos ante a dissolução ou a desintegração do comum como aquilo que os une, e ante o aparecimento do comum como aquilo que os divide.

A comunidade que cria a lição é a amizade cúmplice daqueles que foram mordidos por um mesmo veneno. Aqui, deve-se lembrar de Alcibíades, ao entrar no banquete e ao tomar a palavra, já convertido em membro da assembléia:

E ainda mais, o estado do que foi mordido pela víbora é também o meu. Com efeito, dizem que quem sofreu tal acidente não quer dizer como foi senão aos que foram mordidos, por serem os únicos, dizem eles, que o compreendem e o desculpam de tudo que ousou fazer e dizer sob o efeito da dor. Ou então, mordido por algo mais doloroso, e no ponto mais doloroso em que se possa ser mordido — pois foi no coração ou na alma, ou no que quer que se deva chamá-lo que foi golpeado e mordido pelos discursos filosóficos, que têm mais virulência que a víbora, quando

pegam de um jovem espírito, não sem dotes, e que tudo fazem cometer e dizer tudo — e vendo por outro lado os Fedros, Agatãos, Erixímacos, os Pausânias, os Aristodemos e os Aristófanes; e o próprio Sócrates, é preciso mencioná-lo? E quantos mais... Todos vós, com efeito, participastes em comum, do delírio filosófico e dos seus transportes báquicos e por isso todos ireis ouvir-me [...].<sup>3</sup>

A amizade consiste em haver sido mordidos e feridos pelo mesmo, haver sido inquietados pelo mesmo. Por isso, não poderá entrar na comunidade cúmplice dos leitores aquele que não tenha sentido a mordida do texto. E, também por isso, aquele que tenha sido mordido não quererá falar com ninguém que não tenha passado pelo mesmo que ele passou. E se a condição de professor é que já tenha sido mordido, não será isso — a cumplicidade dos mordidos, dos envenenados, dos que compartilham a mesma mania e o mesmo delírio — o que o professor busca na lição?

### *mordidos pelo texto, o professor* **Na liberdade**

A liberdade que a lição dá é a liberdade de tomar a palavra. Por isso, a ação do texto é o texto por vir: a palavra do por-vir. Em virtude de nossa dis-posição no que vem se dizendo ou no que se dizendo vem, estamos abertos ao por-vir do dizer. Por isso, o tomar a palavra é a ruptura do dito e a transgressão do dizer enquanto limitado e institucionalizado, enquanto dito como está mandado. Somente a ruptura do já dito e do dizer como está mandado faz com que a linguagem fale, deixa-nos falar, deixa-nos pronunciar nossa própria palavra.

A amizade da leitura não está em olhar um para outro, mas em olhar todos na mesma direção. E em ver coisas diferentes. A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto. E em dizê-lo.

Mas para que essa liberdade seja possível, é preciso entregar-se ao texto, deixar-se inquietar por ele, e perder-se nele. A liberdade aqui só é generosidade. Não apropriação do texto para nossos próprios fins, mas desapropriação de nós mesmos, no texto. Porque a palavra que o texto dá, para que a tomemos, só é dada ao preço da suspensão de nosso querer dizer, de nossas intenções, de nossa vontade. Porque a palavra que se toma não se toma porque se sabe, mas porque se quer, porque se deseja, porque se ama. Ao tomar a palavra, não se sabe o que se quer dizer. Mas se sabe o que se quer: dizer. Um dizer em que a liberdade ao mesmo tempo se afirma e se abandona: se afirma abandonando-se, se abandona afirmando-se.

A palavra que se toma não é uma palavra que se possa ter ou da qual alguém possa se apropriar, mas é, melhor dizendo, uma palavra que vem

ou que advém quando alguém se abandona à palavra, quando alguém se coloca em disposição de escutar a palavra que vem. A palavra que se toma é imprevista e imprevisível, escapa a qualquer vontade e a qualquer domínio, é sempre surpreendente, sempre nos surpreende. Por isso, a liberdade de tomar a palavra não deve ser entendida como poder ou como propriedade, mas como uma abertura para o novo e para o desconhecido.

O ler da lição converte-se num falar e, às vezes, num escrever. Aprender a ler é aprender a escrever. Aprender lendo e aprender escrevendo. Porque através da leitura, a escritura libera um espaço para além do escrito, um espaço para escrever. Ler é levar o texto ao seu extremo, ao seu limite, ao espaço em branco onde se abre a possibilidade de escrever. E, por isso, o aprender da leitura dá, às vezes, a impressão de que não se aprendeu nada. Se o ensinar é dar um saber já elaborado, aquele que ensina a ler não dá nada porque o texto não dá nada que, como o saber, possa ser armazenado e apropriado. O texto só deixa escrever.

Ensinar a ler é produzir esse deixar escrever, a possibilidade de novas palavras, de palavras não pré-escritas. Porque deixar escrever não é apenas permitir escrever, dar permissão para escrever, mas estender e alargar o que pode ser escrito, prolongar o escrevível. A leitura torna-se assim, no escrever, uma tarefa aberta, na qual os textos lidos são despedaçados, recortados, citados, in-citados e ex-citados, traídos e transpostos, entremesclados com outras letras, com outras palavras. Os textos são entremeados com outros textos. Por isso, o diálogo da leitura tem a forma de um tecido que constantemente se destece e se tece de novo, isso é, de um texto múltiplo e infinito.

Enfiar-se na leitura é enfiar-se no texto, fazer com que o trabalho trabalhe, fazer com que o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas, escrever de novo ou de novo: escrever.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Talvez todo texto não seja senão re-escritura. Este texto foi dedicado aos alunos e alunas de Filosofia da Educação da Universidade de Barcelona (curso 1996-1997) e foi escrito sob a influência da leitura do livro de Angel Gabilondo — *Trazos del Eros. Sobre hablar, leer y escribir*. Madrid: Tecnos, 1997. Daí — e do fato de que nunca foi redigido para ser publicado — o tom geral do texto e a abundância de paráfrases, citações ocultas, estilísticos, motivos comuns, etc.; em outras palavras, influências não reconhecidas. Valha esta nota de rodapé como um reconhecimento geral.

<sup>2</sup> Optou-se por deixar *plaza* e *emplazar* na forma original para que não se perdesse o jogo de palavras que faz o autor. (NT)

<sup>3</sup> A tradução deste trecho do Banquete é de José Cavalcante de Souza, in: PLATÃO. *O Banquete*. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 1-53. (NT)